

6

Fluxo de mudança

“Sobre o que, indo então a Damasco, com poder e comissão dos principais sacerdotes,

Ao meio-dia, ó rei, vi no caminho uma luz do céu, que excedia o esplendor do sol, cuja claridade me envolveu a mim e aos que iam comigo.

E, caindo nós todos por terra, ouvi uma voz que me falava, e em língua hebraica dizia; Saulo, Saulo, porque me persegues? Dura coisa te é recalçar contra os aguilhões”.

Trecho da narrativa de conversão de São Paulo ao rei Agripa (Atos 29, vs 12-14).

Neste capítulo a análise recai sobre os trechos das narrativas em que os entrevistados narram o que consideram o momento de sua conversão ao cristianismo tal qual praticado pelas igrejas evangélicas a que eles se afiliam. Se nas seções anteriores os fragmentos trazem a construção discursiva dos elementos da *rede de mudança*, aqui eles se concentram na construção discursiva do *fluxo de mudança*, ou seja, naqueles momentos nos quais os narradores constroem discursivamente a sua percepção de uma transformação importante em suas identidades sociais. Veremos que eles descrevem esse momento como se fosse um momento mágico.

6.1

A conversão de Puck

Na análise da construção discursiva da *rede de mudança* de Puck vimos como ele, aos poucos, assimilou elementos do sistema de coerência da igreja. Vimos também, na análise do fragmento 28, que ele estava consumido pela culpa e pronto para o *fluxo de mudança* que narra no fragmento a seguir:

Fragmento 34**“porque você não entrega sua vida a Jesus agora?” (a conversão de Puck I)**

- ▶ 01 puck: e::, depois disso eu falei “>caramba como é que eu posso mudar
- 02 isso dentro de mim<, como é que eu posso (.), é::, fazer com que
- 03 (.), esse sentimento de culpa se apague? (né?)”, até que um dia
- 04 eu tava na igreja::, já tava freqüentando com ela, indo aos cultos
- 05 de manhã, né? ainda ia na es, na escola bíblica dominical (.),
- ▶ 06 até que um dia eu tava pensando sobre isso durante o sermão,
- ▶ 07 pensando, pensando, pensando(.), eu (.), desabei em lágrimas]

- 08 william: [humhum]
- ▶ 09 puck: comecei a chorar, ela não entendeu porque eu tava chorando,
10 eu não falei pra ela (.), exatamente o que era, mas eu comecei a
- 11 william: [humhum]
- ▶ 12 puck: chorar muito e, e::, porque eu me achei incapaz de -- (.), eu
▶ 13 por mim próprio mudar certas coisas =
- 14 william: =eu sei
- ▶ 15 puck: dentro de mim (), e::, o quê que aconteceu? eu::, o pastor
▶ 16 veio (.), sentou do meu lado, começou a con--, me perguntou
▶ 17 “puck o quê que você está sentindo?” eu falei “tô me sentindo
18 [humhum]
- ▶ 19 incapaz”, tô me sentindo:: --é::, eu tô sentido que eu não tenho
20 [humhum]
- 21 possibilidade de mudar] aquilo que eu
- 22 william: [humhum]
- ▶ 23 puck: sou, certas coisas que eu quero mudar, ai ele me falou, “é só--,
▶ 24 mas é só jesus que consegue fazer isso”
25 humhum
- ▶ 26 “porque você não entrega sua vida a jesus agora?”, ele me
27 perguntou
28 humhum
- ▶ 29 nessa hora, eu senti], a vontade de fazê-lo], e eu fiz, foi nessa
▶ 30 [humhum] [ah::]
- 31 hora, dia vinte um de, de novembro de 1999, um dia depois do
32 nosso primeiro] aniversário de namoro, né?
33 [humhum]
- 34 por isso que, que eu tava com aquele negócio aqui, com aquele
35 sentimento de culpa forte, “poxa como é que eu (.) acabei
36 de fazer um ano de namoro com ela”, e::, passou aqueles
37 problemas todos e fiquei com aquele pensamento,
38 com aquele sentimento de culpa, né? eu falei “não, eu tenho que
▶ 39 mudar”, né? e, eu tava me sentindo mal daquele jeito, por isso
▶ 40 que::, quando o pastor veio e perguntou isso, eu (.) (“vou
41 william: [ai foi aquele
42 puck: aceitar”)
- 43 william: momento crucial que você--, viu realmente--, e, e fez diferença?
44 se, se, o::, (não sei se) essa, essa, esse momento seu,
45 depois te ajudou realmente?
- 46 puck: (4) como é::=
- ▶ 47 william: =>tipo assim<, te ajudou a superar essa, essa incapacidade que
▶ 48 você estava sentindo?
- ▶ 49 puck: ajudou, me ajudou a superar sim, eu me senti melhor em relação
50 a isso
- 51 william: humhum

No fragmento acima (34), Puck descreve o que considera como o momento de sua conversão ao cristianismo de natureza evangélica. Talvez um dos pontos que mais chamem atenção aqui seja o de que, mesmo que em um determinado momento ele transmita a idéia de que essa transformação foi repentina (linha 6: “até que um dia eu tava pensando sobre isso durante o sermão e pensando, pensando, pensando (.), eu (.), desabei em lágrimas”), a sua narrativa traz elementos que apontam para o fato de que a sua conversão foi fruto, principalmente, de sua tentativa de solucionar um problema que

estava vivenciando que era o de lidar com o seu sentimento de culpa (linha 39: “eu tava me sentindo mal daquele jeito”).

No fragmento 28, esse sentimento já aparece e é fortemente enfatizado entre as linhas 39 e 40: “eu me senti muito, muito mal por isso, me senti culpado por tá fazendo aquilo, por ela tá longe, eu ter me interessado por uma garota”. Sem deixar de ter em mente que a conversão de Puck está ligada a vários elementos de sua estória de vida, os fragmentos 28 e 34 nos oferecem indicações de que o sentimento de culpa pode ser considerado o motivo imediato de sua conversão.

Um dos elementos que Puck utiliza na narração de sua conversão é o discurso direto para dramatizar aquele instante em que falava consigo mesmo. Esse recurso enfatiza a idéia de sua individualidade, de sua solidão naquele instante: (linha 1) “eu falei, “caramba, como é que eu posso mudar isso dentro de mim, como é que eu posso (.), é::, fazer com que (.), esse sentimento de culpa se apague?””. No entanto, como a sua própria narrativa nos mostra, a conversão de Puck não é algo que aconteça desvinculado do mundo social: no diálogo que tem com o pastor ele diz que se sentia incapaz (linha 15: “o pastor veio, sentou do meu lado, começou a com--, me perguntou, “puck o quê que você está sentindo? eu falei “tô me sentindo incapaz?””).

Através desse diálogo com o pastor Puck estabelece um vínculo mais estreito em sua relação com a comunidade da igreja. Não devemos esquecer que nas igrejas evangélicas o pastor é o seu maior representante e, em sua narrativa, é a ao pastor que Puck confirma a sua aceitação de Cristo como seu salvador (linha 26: “porque você não entrega sua vida a jesus agora? ele ((o pastor)) me perguntou, nessa hora eu senti a vontade de fazê-lo ((de aceitar a jesus como seu salvador)), e eu fiz”). Algo que devemos ter em mente é que a declaração ou confirmação religiosa realizada por Puck é uma prática discursiva bem estabelecida dentro da cultura cristã com o objetivo de atestar publicamente a fé do indivíduo e a sua adequação àquela comunidade religiosa. Essa declaração, em muitas sociedades religiosas (cristãs ou não), é um elemento *sine qua non* para que alguém possa fazer parte delas; e é partindo dessas observações que podemos dizer que, que na narrativa de Puck, a sua conversão é, antes de tudo, uma experiência social.

Em sua construção, Puck enfatiza a necessidade de uma força externa para o ajudar na resolução de seus problemas e na condução de sua vida (linha 10): “eu desabei em lágrimas”, e “eu comecei a chorar muito e, e::, porque eu me achei incapaz de -- (.), eu próprio, eu por mim próprio mudar certas coisas”. Essa idéia da fraqueza humana, e

da conseqüente necessidade de auxílio de uma força externa, é um dos princípios basilares do sistema de coerência de algumas igrejas cristãs, nesses contextos, como coloca Rambo (1993:06), “a conversão é definida como uma confissão do pecado, (...) uma submissão à vontade de Deus, afirmação da crença genuína de que Jesus Cristo é o filho de Deus, e um convite para que Cristo entre no coração da pessoa”. Na narrativa de Puck não temos propriamente uma confissão do pecado, mas, ainda assim, uma confissão. Puck se declara incapaz de lidar com determinados aspectos de sua vida. E é justamente com uma declaração de incapacidade dirigida ao pastor que o entrevistado constrói a narrativa de sua conversão, a partir da linha 15:

- ▶ 15 puck: e::, o quê que aconteceu? eu::, o pastor
▶ 16 veio (.), sentou do meu lado, começou a con--, me perguntou
▶ 17 “puck o quê que você está sentindo?” eu falei “tô me sentindo
18 [humhum]
▶ 19 incapaz”, tô me sentindo:: --é::, eu tô sentido que eu não tenho
20 [humhum]
21 possibilidade de mudar] aquilo que eu
22 william: [humhum]
▶ 23 puck: sou, certas coisas que eu quero mudar, ai ele me falou, “é só--,
▶ 24 mas é só jesus que consegue fazer isso”
25 humhum
▶ 26 “porque você não entrega sua vida a jesus agora?”, ele me
27 perguntou
28 humhum
▶ 29 nessa hora, eu senti], a vontade de fazê-lo], e eu fiz, foi nessa
▶ 30 [humhum] [ah::]
31 hora, dia vinte um de, de novembro de 1999, um dia depois do
32 nosso primeiro] aniversário de namoro, né?

No momento seguinte lhe é oferecida a perspectiva da salvação através da voz do pastor, representante máximo daquela comunidade, e Puck a aceita (linha 23):

- ▶ 23 puck: ai ele me falou, “é só--,
▶ 24 mas é só jesus que consegue fazer isso”
25 humhum
▶ 26 “porque você não entrega sua vida a jesus agora?”, ele me
27 perguntou
28 humhum
▶ 29 nessa hora, eu senti], a vontade de fazê-lo], e eu fiz, foi nessa
▶ 30 [humhum] [ah::]
31 hora, dia vinte um de, de novembro de 1999

Um dos aspectos que apontam a perspectiva do presente em uma narrativa de conversão é a construção discursiva da contraposição entre o que o sujeito considerava ser a sua identidade antes da conversão e sua mudança identitária (para melhor segundo

sua percepção) após a conversão. No fragmento acima, Puck expressa essa mudança através de uma descrição de bem estar. Ao ser perguntado pelo entrevistador se a conversão (a partir da linha 41: “aquele momento crucial”) havia feito diferença em sua vida, se havia ajudado na superação de seu sentimento de impotência, Puck responde afirmativamente (linha 49: “me ajudou a superar sim, eu me senti melhor em relação a isso”). Essa certeza de que sua conversão foi um fator importante para a superação de seus problemas só foi possível depois de um período de absorção de crenças, dentre as quais se destaca a crença na impossibilidade humana de resolver todos os seus problemas sem intervenção divina. A construção do discurso do pastor também reforça essa mesma idéia, já que, como ele diz na linha 24, “é só jesus que consegue fazer isso”. Toda essa construção narrativa é realizada pela perspectiva que Puck tem do presente que, como tenho observado, leva o narrador a valorizar a sua existência após o advento da conversão.

No final da entrevista, eu pedi a Puck que me recontasse ¹ o que ele concebia como o momento de sua conversão novamente. Agora, de modo mais sucinto, ele faz uma clara relação entre seus problemas, que estavam aparentemente fora da esfera religiosa, e a sua conversão e introduz novos elementos em sua narrativa.

Fragmento 35

“eu achava que não conseguia viver bem com aquilo dentro de mim” (a conversão de Puck II)

- 01 puck: foi o seguinte, eu::, como eu tinha contado, eu me interessei por
 02 uma outra menina,] e::] tava me sentindo--, me senti meio
 03 william: [humhum] [tava se sentindo--]
 04 puck: culpado por aquilo, né? queria, tirar aquela culpa de dentro de
 05 mim
 06 william: humhum
 ► 07 puck: eu achava que (.), não conseguia viver bem com aquilo dentro de
 08 mim], eu fui um dia na igreja eu tava ouvindo uma mensagem do
 09 william: [humhum]
 10 puck: pastor, eu nem me lembro exatamente qual foi a mensagem, mas
 11 eu tava mais pensando realmente] naquele fato, comecei a ficar
 12 william: [humhum]
 ► 13 puck: triste, ficar triste e chorar, chorei muito, chorei muito sem
 ► 14 explicação eu não sei (.) porque (.), eu chorei tanto daquela
 ► 15 forma, né? e::, o pastor veio, depois que todo mundo saiu assim
 ► 16 que, que o culto acabou, até veio um rapaz e falou comigo “não,

¹ O pesquisador fez esse pedido porque, realmente, achou que havia perdido a gravação.

- ▶ 17 não fica assim não, deus te ama, vai consertar o problema”, o
▶ 18 rapaz bateu na, no braço, eu conhecia ele de falar “oi, tudo
19 bem?”] e só, ai foi embora, foi embora todo mundo, ficou só eu,
20 william: [humhum]
21 puck: ficamos só eu, minha ex namorada °que era minha namorada na
22 época
23 william: humhum
24 puck: e o pastor veio, não o pastor que estava pregando, um outro
25 pastor que é o:: (.), responsável pelas missões lá na igreja, pelo
26 evangelismo, evangelismo, ele sentou do meu lado e começou a
▶ 27 conversar comigo, “puck o que você tá sentindo?” >eu falei<,
▶ 28 “eu tô me sentindo incapaz, eu não me sinto capaz de mudar
29 certa, certas (coisas) dentro de mim] que (.), têm que ser
30 william: [humhum]
31 puck: mudadas (2), ai ele falou, ah, “mas é só jesus que pode mudar
32 essas coisas, porque você não o aceita e passa a::, deixar com que
33 ele te molde?”
34 william: humhum
▶ 35 puck: “você quer aceitar a jesus?”, ele perguntou, eu, fiquei até assim
▶ 36 um pouco balançado, meio que pô, “será que eu aceito, será
▶ 37 que eu não aceito”, fiquei naquela dúvida, ai::--, “você quer
▶ 38 aceitar a jesus?”, eu falei “quero”, vi que eu queria, >mas nós
39 fizemos uma oração (.), né?<, e:: =
▶ 40 william: =teve aquela coisa de você ter que ir pra fren::te, na igreja?
▶ 41 puck: não, não, não (.), geralmente é assim], geralmente quando o
▶ 42 william: [é]
▶ 43 puck: pastor acaba
44 o, um sermão evangelístico], ele fala, “agora vocês que
45 william: [humhum]
46 puck: aceitaram--, vamos abaixar a cabeça, a igreja vai estar orando
47 para os não cristãos, para que eles (.) venham a ser tocados pelo
48 espírito santo e aceitem a, a cristo (.), e vocês que::, quiserem
49 aceitar a cristo repitam estas palavras”, ai o pastor faz uma
50 oração
51 humhum
52 né, e diz, ” (pai) eu aceito a cristo como senhor da minha vida e
53 blá, blá, blá”, né? e::, essas pessoas repetem, ai ele pergunta, “a
54 quem fez essa oração comigo, por favor levante a sua mão”, as
55 pessoas levantam a mão e ele pede essas pessoas para irem lá pra
56 frente, ai ele ora por essas pessoas, a igreja toda ora junto
57 também, essas pessoas são encaminhadas pro um, pra uma ante-
58 sala, atrás do, do púlpito, né? e lá o:: pastor, junto com alguns
59 ajudantes, né? conversam com essas pessoas e falam, e fala
60 sobre--, ah, as classes de ebd, né? de escola bíblica
61 dominical], (centros) de estudos nas casas ele
62 william: [no seu caso, no seu caso isso não foi::, isso não
63 aconteceu], você teve aquela,
64 puck: [não, não aconteceu]
65 william: perguntou ali no, no banco e tal,] e depois te--, ele fez uma
66 puck: [é]
67 william: oração com você,
68 e depois você foi pra casa, ou então fez outra coisa,
69 puck: é, exatamente, mesmo porque eu já tinha uma pessoa ali junto
70 comigo], que era a minha ex-namorada me acompanhando, eu
71 william: [claro]
72 puck: não precisava de um, de um ajudante do, do pastor, digamos
73 assim, ↑depois daquilo, a partir do, do domingo seguinte passei a
74 freqüentar a classe do pastor, não é? onde a gente aprende

75	algumas coisas básicas sobre a doutrina ai eu creio que depois de
76	oito aulas::, oito ou doze aulas, >eu não me lembro agora<, dois
77	ou três meses de aula, a gente::, pode se batizar, né? eu escolhi
78	me batizar

Essa segunda versão da narrativa de Puck é muito interessante devido aos novos elementos que emergem de seu discurso: a) a introdução de um novo personagem, o rapaz que o conforta na linha 16; b) a sua dúvida em aceitar a Jesus na linha 35 e c) a descrição do ritual no qual as pessoas declaram publicamente a sua aceitação de Cristo como seu salvador a partir da linha 41. Esses novos elementos nos possibilitam, como veremos a seguir, percepções que não eram possíveis através da narrativa anterior, ao mesmo tempo em que oferece a oportunidade de rever elementos que já foram notados.

No fragmento 35, a importância da comunidade de prática na conversão de Puck é acentuada através de inclusão de um novo personagem que não apareceu na narrativa anterior. Na linha 16, um outro membro da comunidade o apóia durante a sua crise : “até veio um rapaz e falou comigo, “não, não fica assim não, deus te ama, vai consertar o problema”, o rapaz bateu na, no braço, eu conhecia ele de falar”. A fala do rapaz, reforça os laços de Puck dentro daquela comunidade de prática religiosa, principalmente quando ele traz a idéia de que Puck está sendo amparado por uma deidade naquele momento de crise: “deus te ama, vai consertar o problema”.

Ao mostrar o seu apoio, através da demonstração de estima por parte de outros membros, a comunidade que busca integrá-lo, faz com que Puck se sinta seguro, ajudando-o a legitimar socialmente a sua conversão, que é a própria confirmação de que ele foi aceito no grupo e, ao mesmo tempo, também ele, aceita a comunidade com suas leis e suas práticas. A interferência desse rapaz, aliada àquela do pastor, acentua a percepção de que a declaração pública da aceitação de Cristo como salvador é um tipo de produção discursiva esperada e, em alguns casos, necessária para a real inclusão do indivíduo à maioria das comunidades de práticas discursivas protestantes. Isso fica ainda mais evidente quando Puck explica (entre as linhas 40 e 61) que ir à frente da comunidade e repetir as palavras de aceitação proferidas pelo pastor é uma prática comum. Nesse sentido, e dada a sua regularidade desde a antiguidade (ver, por exemplo, os relatos clássicos de S. Paulo e Santo Agostinho), e embora ela não seja a declaração ou aceitação pública, a narrativa de conversão também pode ser considerada uma espécie de discurso-ritual onde um determinado sujeito torna pública a sua ligação com determinada religião ou corpo de crenças.

Ao recriar a sua conversa, Puck atribui ao pastor novas sentenças (linha 31: “mas é só Jesus que pode mudar essas coisas, porque você não o aceita e passa a::, deixar com que ele te molde?”). Essa nova construção vem, entre outras considerações, confirmar a centralidade da perspectiva do presente na construção da narrativa de conversão; o que passa a ser importante, aqui, é a percepção que Puck tem de sua vivência no passado e o sentido que ela ganha para a sua experiência de vida atual. Além dessa noção, há que se levar em consideração, também, que a ampliação da fala do pastor faz parte da estratégia de envolvimento utilizada pelo narrador e que funciona como um modo de prender a atenção de seu ouvinte. Não se deve esquecer que esta narrativa foi produzida em uma interação entre entrevistador e entrevistado; ao ampliar o papel do pastor, neste momento particular, o narrador amplia a sua performance (cf. Wolfson, 1982:24) com mais riqueza de detalhes e, conseqüentemente, aumenta a possibilidade de envolvimento de seu interlocutor.

Outro elemento novo, de relevância, é a dúvida de Puck no momento em que o pastor lhe pergunta se deseja aceitar a Jesus (na linha 35: “você quer aceitar a Jesus?”, ele perguntou, eu, fiquei até assim um pouco balançado, meio que pô, “será que eu aceito, será que eu não aceito”, fiquei naquela dúvida, ai::--, “você quer aceitar a Jesus?”, eu falei “quero”, vi que eu queria). Ao trazer essa dúvida, Puck indica que o conflito ideológico entre os discursos de suas experiências anteriores e os discursos da experiência religiosa que estava vivenciando ainda não havia cessado. Na verdade, o embate ideológico através do discurso nunca cessa e, como tenho enfatizado no decorrer desta pesquisa, a apreensão de um novo sistema de coerência não é algo linear, mas que se dá em uma grande rede de relações nas quais o tipo de conflito identitário que Puck traz em sua história de vida constitui uma regra e não uma exceção. Hinde (1999:99) traz um pensamento muito próximo ao observar que “crenças religiosas não são estáticas, mas sujeitas a influências dinâmicas que envolvem estabilidade e mudança”.

Outro aspecto importante que aparece no fragmento acima é o do choro de Puck. Aqui chamo atenção para o fato de que, embora Puck diga que não estava prestando atenção na mensagem do pastor, ele estava em uma situação de ritual que, entre outros objetivos, é utilizado para trazer à tona o lado emotivo das pessoas. O fator emoção é um aspecto que se mostra bastante presente no âmbito de determinadas correntes do protestantismo, sendo uma parte importante de seu ritual, uma vez que, como coloca Hinde (1999:110),

“os aspectos emocionais de um ritual podem ser mais importantes do que as mensagens intelectuais que ele traz: enquanto a linguagem comum é geralmente utilizada para falar sobre emoções, o ritual pode transmiti-las, dessa forma enquanto alguns rituais permitem ou encorajam experiências idiossincráticas, outros podem coordenar os sentimentos dos indivíduos”.

No fragmento acima, vimos ainda que o pastor desempenha um papel importante na conversão de Puck ao enfatizar a dependência ou necessidade humana de ser amparado por uma força externa espiritual e, em seguida, ao dirigir a Puck a pergunta, cuja resposta, sendo positiva, o poderá inserir de vez no seio daquela comunidade de práticas discursivas específica. Imbuído de sua autoridade institucional, ele pergunta: “você quer aceitar a Jesus?” (linha 54).

Cabe, aqui, uma avaliação do que é “aceitar Jesus como salvador” e quais as implicações de uma resposta afirmativa. Aceitar Jesus como salvador é uma fórmula ritual que consiste em realizar uma declaração pública que levará o convertido a uma maior integração no meio da comunidade a qual deseja fazer parte. As implicações de uma resposta positiva à pergunta “você aceita a Jesus como seu salvador?” se caracterizam pela auto-renúncia e pela aceitação de todo um sistema de coerência que influenciará a visão de mundo do indivíduo e o seu modo de atuação nos mais variados contextos sociais. É no texto de São Paulo (Carta aos Gálatas, 2:20) que encontramos o paradigma dessa auto-renúncia: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé de Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou por mim”. Como nos lembra Rambo (1993:132), “aqueles que estão do lado de fora podem ficar perplexos, mas aqueles que estão do lado de dentro vêem tal rendição como absolutamente essencial para uma nova vida”.

6.2

A conversão de Gloster

Assim como Puck, Gloster é levado à conversão por sua incapacidade de evitar se sentir atraído por outras mulheres, mas, diferente de Puck, que se sente culpado por ter desejado outra mulher que não era a sua noiva, Gloster constrói um discurso em que naturaliza o desejo sexual, se colocando como um homem que sem a interferência de Deus será destinado a cair sempre em tentação.

O fragmento abaixo está imediatamente ligado ao fragmento 29 no qual foi trazida a narrativa de Gloster sobre o seu envolvimento com a namorada de um policial. Depois daquela experiência ele passa por um período de reflexão no qual ele busca a ajuda de Deus e se converte:

Fragmento 36

“sentí uma luz sobre a minha cabeça e um toque de deus em mim” (a conversão de Gloster)

- 01 gloster: lembro que nesse dia eu cheguei em casa... e:: chorei muito, né?
 ► 02 fiquei de joelhos, no, no::-- tava sozinho, peguei a bíblia, (eu) abri
 ► 03 a bíblia, e comecei a chorar e pedi pra deus e eu sentí, um toque de
 ► 04 deus, vamos dizer, que eu possa dizer] assim
 05 william: [amham]
 ► 06 gloster: que isso é uma coisa muito pessoal, é de cada um, né?] mas eu
 07 william: [claro]
 ► 08 gloster: senti, uma, uma:, uma luz é:: sobre a minha cabeça e um toque de
 ► 09 deus em, mim, no meu coração, me senti confortado naquele
 ► 10 momento, e::, pedi pra deus que não acontecesse mais daquela
 ► 11 forma, que me livrasse daquilo, que eu não poderia continuar
 12 assim, ou que eu me separasse... ou que eu, ou que eu fi- parasse
 13 de fazer aquilo], porque (eu sei) sabia
 14 william: [se::i]
 ► 15 gloster: que aquilo não era de agrado dele,] né? que ele me- me, me desse
 16 william: [amham]
 ► 17 gloster: força pra, pra poder me livrar daquele:: vício, né? porque eu
 18 chamo até de vício, né?] de ter que me relacionar com outra
 19 william: [amham]
 ► 20 gloster: mulher e tal, e:, da- daquele dia em diante::, >vamos dizer<, duas
 ► 21 semanas depois eu me converti
 ► 22 william: aí, você-- aí você acha mesmo que teve a sua conversão?
 ► 23 gloster: tive, a: a::cho que tive a minha conversão, mas é:: a gente vai
 24 descobrindo coisas, com o tempo, né? vai amadurecendo também,
 25 aí, fui-- fiquei chato, aquele crente chato,] que ninguém me
 26 william: [amham]
 27 gloster: aturava, nem a minha família], porque existe isso], é o primeiro
 28 william: [((rindo)) se::i] [é]
 29 gloster: amor que se chama, né?] o primeiro amor, quando você começa a
 30 william: [amham]
 31 gloster: ler a bíblia, você-- bota a coisa-- tudo, tudo é deus pra você, tudo é
 32 a bíblia], tudo você fala uma palavra-- às vezes as pessoas não
 33 william: [amham]
 34 gloster: estão a fim de escutar bicho] e aí você fala, “não, porque::... deus
 35 william: [claro]
 36 gloster: tem um propósito na tua vida e tal:”]-- aquele crentão mesmo

- 37 william: [sei] aí: você foi-- nesse
 38 momento você tava freqüentando a igreja batista?
 39 gloster: [não]
 40 william: não
 ► 41 gloster: tava (é) na:: universal], me converti lá], né, mas eu, eu não gostava
 42 william: [na universal] [a:: tá]

O evento referido no fragmento acima está relacionado à experiência trazida no fragmento 29, no qual Gloster relatou o seu envolvimento com a namorada de um policial. Naquele trecho Gloster nos dá indicação de que estava narrando um momento muito próximo ao *fluxo de mudança*, e no fragmento acima podemos confirmar essa idéia. É em meio a uma crise na qual o que pesa é a sua face frente à Deus (ver linha 15: “aquilo não era de agrado dele”) que Gloster busca orientação divina e, segundo suas palavras (linha 08), sente “uma luz” sobre a sua cabeça e sente, também, o conforto de ser amparado por uma força superior. A partir daí, Gloster constrói a sua necessidade de se ligar de forma efetiva a Deus e às práticas da igreja, marcando a sua identidade de convertido.

Diferente de Puck, por exemplo, Gloster descreve a sua conversão não em um lugar público como a igreja, mas no ambiente solitário de seu lar. Ele realiza a ligação com a comunidade religiosa depois, quando fala de sua experiência na Igreja Universal.

Aqui cabe uma importante observação: a narrativa de Gloster nos traz indicações de que ele oscila ao utilizar o termo *conversão*. Embora tenha acabado de descrever o momento que poderia ser considerado o de sua conversão, ele logo em seguida diz (linha 20): “duas semanas depois eu me converti”. O que mostra que, pelo menos nesse momento, Gloster entende a conversão como um ato público, ou seja, que a conversão é algo que ocorre na igreja, o que é confirmado na linha 41 quando ele diz: “tava (é) na:: universal, me converti lá”. Assim, Gloster confere à conversão dois significados; o primeiro se refere à experiência pessoal e íntima de contato com Deus que ele descreve depois de sua aventura com a namorada do policial e o segundo, quando ele diz que se converteu duas semanas depois na Igreja Universal, no qual está presente o entendimento da conversão como algo que precisa ser reconhecido no seio de uma comunidade de prática religiosa.

Outro ponto enfatizado por Gloster é o seu comportamento de convertido. Ele reconhece que houve uma mudança profunda no seu modo de agir (linha 25: “aí, fui-- fiquei chato, aquele crente chato, que ninguém me aturava, nem a minha família”) e qualifica a sua forte ligação, depois de convertido, com a religião como sendo o seu

“primeiro amor”, que ele explica na linha 29: “quando você começa a ler a bíblia, você-- bota a coisa-- tudo, tudo é deus pra você, tudo é a bíblia”. Gloster constrói esse período inicial após a conversão de forma positiva; um período no qual ele se dedicou com profundidade ao estudo e às práticas de sua igreja. Ao enfatizar a centralidade da religião após a sua conversão, Gloster, indica que ele deixava para trás as tentações que outrora o haviam atormentado procura e se contrói como um novo homem.

6.3

A conversão de Cordélia

Como vimos no fragmento 32, Cordélia, antes de se converter, começa a freqüentar a igreja evangélica de sua mãe, abandona o centro de Umbanda, mas ainda não se decide pela conversão. No fragmento a seguir, que esta ligado ao fragmento 32, trago a sua fala de como ela, após uma experiência em um culto na igreja que estava freqüentando, se converte.

Fragmento 37

Cordélia se decidindo II: “*senhor abra os meus olhos espirituais*”

- ▶ 01 cordélia: não tinha me convertido, né? ainda tava cheia de coisa na minha
- ▶ 02 cabeça, e ai conti--, comecei a ir em novembro, eu comecei a ir
- ▶ 03 mais regularmente, ai--, praticamente, assim, cultos da noite >não
- ▶ 04 é?< ia quarta::, quarta-feira eu ia todas as quartas, domingo, era
- ▶ 05 quarta não, minto, inda era quinta, depois que passou pra quarta
- ▶ 06 >ainda era quinta<, então toda a quinta eu ia, domingo à noite,
- ▶ 07 assim, (depois da casa) do meu namorado, meu ex-namorado, né?
- ▶ 08 e:: ai eu tive uma experiência com deus, () ↑eu conhecia e tal,
- ▶ 09 ↓e ai um culto assim que a palavra foi tremenda, né? que era sobre
- ▶ 10 abrir os olhos espirituais, e era o momento que eu tava=
- ▶ 11 william: =você se identificou=
- ▶ 12 cordélia: =me identifiquei (), e teve um o momento (que) eu tava--, no
- ▶ 13 meio da oração depois que--, da palavra, levanta e tem a
- ▶ 14 oração () e ai o pregador tava orando e eu orando falando com
- ▶ 15 deus ai “senhor abra meus olhos espirituais eu quero saber qual é a
- ▶ 16 verdade que eu tô cheia de dúvida, qual é o caminho, é do (lar), e
- ▶ 17 do centro, ou é aqui na igreja? o quê que--, qual é o certo? me
- ▶ 18 mostra porque eu-- você sabe eu tenho várias dúvidas” >ai eu
- ▶ 19 comecei a falar, né? com deus<
- ▶ 20 william: humhum
- ▶ 21 cordélia: falar com deus, falar com deus=
- ▶ 22 william: =isso na igreja?

- ▶ 23 cordélia: na igreja, de repente um irmão que é usado, assim, em profecia,
▶ 24 né? (e tudo entrou) ele (assim), ele foi usado pra falar do pastor,
▶ 25 um momento, né? do pastor >e eu assim, né?, não sabia o quê tava
▶ 26 acontecendo () assim eu fiquei naquela coisa e “abre meus
▶ 27 olhos eu quero ver, eu quero saber o quê que é, o quê que é isso
▶ 28 que tá acontecendo e eu quero saber o meu caminho”, ↑e ai
▶ 29 comecei e ai nisso o, o:: irmão sai de lá, do púlpito, vem até a
▶ 30 mim, ai era--, nesse momento eu sei que era deus,] usando a
31 william: [humhum
▶ 32 cordélia: boca dele, e ai ele falou “filha, eu vou realizar todos os seus
▶ 33 sonhos, tudo o que você tá pedindo, eu vou realizar, mas é preciso
▶ 34 que você busque o deus da-- que a sua mãe tá servindo, é o deus
▶ 35 que a sua mãe tá servindo”. ai eu--, porque era o que eu tava
▶ 36 pedindo ali], ai eu fiquei assim, ai
37 william: [humhum
▶ 38 cordélia: chorei pô, naquele momento] eu me converti e no dia seguinte, eu
▶ 39 william: [°ai chorou, né?°
▶ 40 cordélia: estudando pro mestrado isso já tava perto do () eu, assim,
▶ 41 estudando no computador, fazendo meu texto, me veio tudo assim
▶ 42 à mente, todo, tudo que eu tinha dúvida, todas as dúvidas que
▶ 43 estavam escondidas, peguei todos os livros que eu tinha aqui,
▶ 44 carrinho, tudo (aquilo)=
▶ 45 william: =carrinho?
▶ 46 cordélia: carrinho, que eu ti--, usava um carrinho que era () da entidade,]
47 william: [ham::
▶ 48 cordélia: ((bate as mãos)) ah::, tipo um:: amuleto], que eu usava, usava
49 william: [humhum
▶ 50 cordélia: pulseira, usava brinco--, peguei aquilo tudo, (eu juntei), eu joguei
▶ 51 tudo fora, foi o meu primeiro dia de conversão, me senti tão leve,
▶ 52 tão leve
▶ 53 william: você achou que se converteu então naquele dia que: você:=
▶ 54 cordélia: naquele dia pra mim foi o dia que eu pude--, foi aquele dia que eu
▶ 55 aceitei que eu realmente tive certeza que esse era o caminho, que
▶ 56 até então eu tava na igreja ((bate as mãos como que demonstrando
▶ 57 não dar importância ao fato mencionado))=
▶ 58 william: =tava na dúvida, né?=
59 cordélia: tava na dúvida, >não é?<, então não considero, realmente antes-- o
60 período de setembro a novembro=
61 william: =humhum
▶ 62 cordélia: o meu momento de conversão, não tava convertida ainda não, eu
▶ 63 realmente me converti naquele momento que deus falou comigo,
▶ 64 que respondeu as minhas dúvidas, que eu vi que ali-- (.), era o
▶ 65 caminho mesmo e tem sido--, realmente a minha vida mudou--, as
▶ 66 --↑ai, ai é só, né? (.) ai é muito engraçado=
▶ 67 william: =só felicidade=
▶ 68 cordélia: =só felicidade assim, >lógico () muitas vezes não vou dizer que

Nos fragmentos 32 e 37, Cordélia constrói a experiência de seu *fluxo de mudança* em três momentos importantes. No primeiro ela é levada a realizar uma súplica a Deus para que ele a ajudasse a dirimir as suas dúvidas de caráter religioso (fragmento 32, linha 08). No segundo momento ela realiza uma súplica na igreja (fragmento 37, a partir da linha 14) para que Deus lhe abrisse os seus olhos espirituais. Essa súplica pode ser considerada um desdobramento da primeira. A importância do segundo momento é que Cordélia não está sozinha. Na igreja, mais uma vez, ela encontra o ambiente apropriado para expressar seus sentimentos de natureza religiosa. Sua experiência é tão importante que ela diz que teve “uma experiência com deus” (fragmento 37, linha 08). No entanto, mais do que uma experiência com Deus, Cordélia tem uma experiência com a comunidade de prática da igreja. É nesse momento que a comunidade se envolve com suas questões. Além de estar sendo influenciada pela pregação do pastor e circundada pelos membros da igreja, Cordélia se vê no foco das atenções quando o irmão que, em sua palavras, (linha 23) “é usado, assim, em profecia”, sai do púlpito e se dirige a ela. Nesse momento elementos centrais do sistema de coerência da igreja já estão tão assimilados por Cordélia que ela interpreta a fala do membro da igreja como sendo o próprio Deus: (linha 30) “nesse momento eu sei que era deus, usando a boca dele”. Devemos ter em mente que, no momento de sua conversão, essa interpretação só foi possível devido ao conhecimento que a narradora tinha do papel daquele membro naquela comunidade e devido ao contexto em que ela estava e que, no momento de sua narrativa, ela se ancora em seu conhecimento de mundo presente para traçar interpretações tão seguras quanto a de que Deus falava por meio de outra pessoa para levá-la à conversão.

O que o membro da igreja oferece é uma permuta: a realização dos sonhos de Cordélia em troca de uma total entrega ao Deus “que a sua mãe tá servindo” (linha 34), que é, senão, a adoção da noção de Deus, e de um sistema de conduta, que é abalizado por aquela comunidade de prática religiosa. A performance do membro da igreja tem um efeito imediato e outro posterior. Após a sua fala, Cordélia se emociona e começa a chorar e descreve aquele como o momento de sua conversão: (linha 38) “chorei, pô, naquele momento eu me converti”. No dia seguinte (ver a partir da linha 40) Cordélia vivencia o terceiro momento importante de seu *fluxo de mudança*, no qual ela rompe definitivamente com a Umbanda, jogando fora todos os símbolos materiais (imagens, adereços, etc.) que ainda a uniam àquela prática religiosa. No final do fragmento 37 Cordélia enfatiza o fato de sua conversão ter sido marcada pelo fato de Deus ter falado

com ela: (linha 62) “eu realmente me converti naquele momento que deus falou comigo, que respondeu as minhas dúvidas”.

Assim, na construção narrativa da conversão de Cordélia, podemos perceber que entra em jogo a assimilação do sistema de coerência; a influência da comunidade de prática, seja através da influência de sua mãe, seja através de sua constante presença na igreja ou por meio da performance do membro da igreja que falou diretamente com ela momentos antes de sua conversão; e a emoção, que, de certa forma, congregou todos os aspectos anteriores, deixando-a aberta para a conversão.

A seguir veremos a construção narrativa do *fluxo de mudança*, que caracterizou a conversão de Miranda.

6.4

A conversão de Miranda

Depois de ter narrado o trecho no qual clama a Deus para que lhe livrasse do que ela chama de laços, Miranda narra como a igreja lhe proporcionou o suporte social para que ela realize a mediação entre corpo e alma que lhe trará a cura:

Fragmento 38

A conversão: “*era tudo, era dor da alma, era dor física*”

- ▶ 01 miranda: quando eu pedi a deus pra me tirar dos laços, eu queria assim, ou
- ▶ 02 me tira dessa cama ou me leva de uma vez], e ele me
- ▶ 03 william: [umhum]
- ▶ 04 miranda: tirou da cama
- 05 william: puxa
- 06 miranda: (3) entendeu? ele me tirou da cama=
- 07 william: =ai você foi se recuperando::=
- 08 miranda: =ai quando foi no outro dia seguinte eu recebi uma prima--, >quer
- 09 vê só --, se você parar pra ver<, uma--, você vê que é uma, uma
- 10 série de coisas que vai envolvendo], eu recebi visita da::, das, da
- 11 william: [am::]
- 12 miranda: minha tia, da minha pri::ma, dos meus primos e a:: minha prima
- 13 que sentou assim na cama, me fazendo carinho, ela é muito assim,
- 14 uma pessoa muito meiga, muito (clara), ai:: ela ficou lá () “o
- 15 william: que você precisar, o que você quiser, a hora que você precisar você
- ▶ 16 miranda: pede alguém pra ligar, eu venho, não sei o quê”, >e ela é cristã<
- ▶ 17 (.), falei “tá bom”, e ai na hora que ela foi embora, ai ela brincou
- ▶ 18 comigo, ai ela falou, “ah, agora eu vou embora que vou tomar meu
- 19 banho, me arrumar, pra ir pra igreja e arrumar as crianças” >que
- ▶ 20 ela tem dois filhos< (), ai eu::, fiz assim pra ela, ela “ah,” >e ai

- 21 falou<, “↑vambora? pra igreja?”, ai aquela coisa saiu assim
▶ 22 de dentro de mim, sem eu parar pra pensar no que eu tava falando
▶ 23 nem nada, foi por impulso], assim, no momento, de coração
▶ 24 william: [sei::]
▶ 25 miranda: mesmo], ai eu falei assim, “vamos”, ai “você ↑quer ir?”, >ai eu
26 [amham]
▶ 27 olhei e disse< “quero, (1) quero”, ai ela::, >(ficou)< muito feliz,
28 william: [sei::]
▶ 29 miranda: foi na sala, o marido dela tava na sala “José ela quer ir à igreja”,
▶ 30 (2), eu falei, “mas eu não agüento andar”], ai falou, “não, isso não
31 william: [amham]
32 miranda: é problema, (2) aguarda que a gente já volta já, já”, ai foram em
33 casa, se arrumaram, coisa e tal e voltaram, ai ele foi, ai me
34 arrumaram, a minha mãe e a minha prima que
35 tava cuidando de mim], tinha uma pessoa pra me ajudar, >()<
36 william: [amham]
▶ 37 miranda: ↑e me::, levaram pra igreja (2), eu entrei o primeiro dia
▶ 38 carregada], o segundo dia pelos braços, no terceiro dia eu falei,
39 william: [amham]
▶ 40 miranda: “eu quero entrar com os meus pés”], se você perguntar pra mim
41 william: [amham]
▶ 42 miranda: o que o pastor pregou naquele dia, ↓eu não sei dizer, era um choro
▶ 43 tão doído, choro tão doído, tão incontrolável que::]
▶ 44 william: [tava sentindo muita dor
▶ 45 miranda: era tudo, era dor da alma, era dor física], era tudo, entendeu?],
▶ 46 william: [am::] [e
▶ 47 você chorou o tempo todo

Um aspecto importante presente no fragmento 38 é a exposição do *ethos* evangélico no que diz respeito à questão da doença. Esta tende a ser vista como resultado de aflições da alma e, paralelamente, como coloca Mafra (2002:167), “de um modo geral, a cura do corpo confirma o cuidado com a alma; por isso torna-se o testemunho mais apropriado e acessível da nova adesão religiosa”. Esta percepção está implícita no modo em que Miranda constrói a sua narrativa de recuperação. Entre as linhas 37 e 40 ela diz: “eu entrei o primeiro dia carregada, o segundo dia pelos braços, no terceiro dia eu falei, “eu quero entrar com os meus pés””. Através da narrativa ela constrói a sua recuperação como conseqüência de seu comparecimento aos cultos da igreja. Essa relação entre corpo e alma também aparece em outros momentos, na linha 45, por exemplo, Miranda dirá que a sua dor envolvia o corpo e a alma: “era tudo, era dor da alma, era dor física”. A igreja, em grande parte dos casos, funciona como mediadora entre duas esferas: aquela que diz respeito aos corpos e a que diz respeito aos

fornecer informação para um receptor, mas apresentar dramas para uma platéia. Dessa forma, parece que despendemos a maior parte de nosso tempo, não engajados em dar informação, mas em realizar apresentações”. A narrativa da conversão como um momento performático, ou seja, que envolve emoções fortes, choro, diferentes papéis identitários (como membros e não membros da igreja), acentua o grau de envolvimento entre narrador e ouvinte e confere veracidade ao que se quer narrar.

Neste capítulo vimos como cada entrevistado narra o que considera ser o seu momento de conversão, ou *fluxo de mudança*. Todos os narradores (mesmo Gloster que, como vimos, enfoca a experiência individual) falam que tiveram o ambiente da igreja como cenário de suas conversões. Todos enfatizam a importância da comunidade da igreja para as suas conversões. Todos constroem o momento de suas conversões como pleno de emoções. Todos dizem ter chorado e todos colocam, de uma forma ou de outra, que foram tomados pelo sentimento de que eram incapazes de lidar com seus problemas e precisavam de uma força espiritual à qual resolvem se ligar de forma efetiva através da conversão.

Duas considerações, às quais já me reportei anteriormente, se destacam e me parecem importantes para compreendermos melhor os fragmentos das narrativas aqui analisadas; a primeira diz respeito à situação presente dos narradores. Não podemos nos esquecer de que eles narram as suas experiências de conversão e suas experiências anteriores (religiosas ou não) como convertidos e membros ativos de uma igreja evangélica. A esse respeito é interessante a percepção de Ricoeur (1980:178) que enfatiza a idéia de que o final de uma história é a função primordial de seu enredo e de sua existência: “Ao ler o fim no início e o início no fim, aprendemos a ler ao contrário, como uma recapitulação das condições iniciais de um curso de ação em suas conseqüências terminais”. Dessa forma, a coerência de uma narrativa é estabelecida, também, por construções discursivas que enfocam determinadas experiências tendo-se em vista a organização global da narrativa ou seu sentido de final.

Outro aspecto é que, se considerarmos, como colocam Sarangi e Roberts (1999:7), que “a análise pormenorizada dos turnos e sentenças do falante [pode] lançar luz sobre noções gerais tais como a identidade institucional e os modos através dos quais os participantes se orientam em contextos institucionais”, podemos interpretar a performance de cada um na igreja, como tendo sido motivada e organizada pelo contexto que aquela instituição religiosa lhes proporcionou. Dessa forma, as suas

narrativas trazem experiências pessoais mas, também, experiências de construção identitária coletiva. Uma vez que a performance emotiva dos narradores na igreja é algo aceitável e mesmo esperado por seus membros, eles oferecem uma prova pública de sua disposição em se tornarem convertidos, sendo um ato que facilita e propicia o seu ingresso nessa comunidade de prática específica que é a igreja.

No próximo capítulo trago a construção discursiva de suas experiências após a conversão. Considero que a construção narrativa do que se passou após o que os narradores consideram como o momento de sua conversão também faz parte de seu processo de conversão. Assim, podemos compreender melhor alguns aspectos que envolveram suas conversões e o que representou para as suas vidas essa tomada de posição.